

A ficção da Ilha da Magia: sobre imaginações geográficas de Florianópolis no *Brasil Visto de Cima*

The fiction of the Magic Island: about geographical imaginations of Florianópolis in Brasil Visto de Cima

La ficción de la Isla Mágica: sobre imaginaciones geográficas de Florianópolis en Brasil Visto de Cima

La fiction de l'Ile de la Magie: sur l'imaginaire géographique de Florianópolis dans Le Brésil Vu d'en Haut

Ana Paula Nunes Chaves



Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis/SC

ana.chaves@udesc.br

Willian Sartor Preve



Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis/SC

williansartor@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste texto é analisar como as imagens e a narração do programa televisivo *Brasil Visto de Cima* nos educam e atuam na construção de imaginações geográficas de Florianópolis. Com base em Denis Cosgrove e William Fox (2010), entende-se por imaginação geográfica a capacidade de projetar imagens sobre o espaço. Para tal fim, selecionamos os dois episódios que retratam a cidade e analisamos suas cenas e narração. Como resultado, percebemos que as imaginações geográficas evocadas explicitam o intuito de comercializar a cidade turisticamente. Florianópolis é vista como uma Ilha de características naturais excepcionais, com paisagens de filmes de ficção científica, reforçando a denominação de Ilha da Magia.

Palavras-chave: Imaginação Geográfica. Cultura Visual. *Brasil Visto de Cima*. Florianópolis.

Abstract:

*The purpose of this text is to analyze how images and narration of the television program **Brasil Visto de Cima** educate us and act in the construction of geographical imaginations of Florianópolis.*

Based on the writings of Denis Cosgrove and William Fox (2010), it is understood by geographical imagination an ability to project images on space. For this purpose, we selected the two episodes that portray the city and analyzed its scenes and narration. With this research, we realized that the geographical imaginations evoked by this program explain the intention to commercialize the city in tourism. Florianópolis is seen as an island with exceptional natural characteristics, with landscapes from science fiction movies, reinforcing the name of Magic Island.

Keywords: *Geographical imagination. Visual Culture. Brasil Visto de Cima. Florianópolis.*

Resumen:

*El propósito de este texto es analizar cómo las imágenes y la narración del programa de televisión **Brasil Visto de Cima** educan y actúan en la construcción de imaginaciones geográficas de Florianópolis. Con base en Denis Cosgrove y William Fox (2010), se entiende por imaginación geográfica la capacidad de proyectar imágenes sobre el espacio. Para ello, seleccionamos los dos episodios sobre la ciudad y analizamos sus escenas e narración. Con esta investigación, nos dimos cuenta de que las imaginaciones geográficas evocadas por este programa asignaran la intención de comercializar la ciudad turísticamente. Florianópolis es vista como una Isla con características naturales excepcionales, con paisajes de ficción científica, reforzando el nombre de Isla Mágica.*

Palabras clave: *Imaginación geográfica. Cultura visual. Brasil Visto de Cima. Florianópolis.*

Résumé:

L'objectif de ce texte est d'analyser comment les images et la narration du programme télévisé "Brasil Visto de Cima" (Le Brésil Vu d'en Haut) nous éduquent et agissent dans la construction des imaginations géographiques de Florianópolis. En nous appuyant sur Denis Cosgrove et William Fox (2010), il est entendu l'imagination géographique comme une capacité à projeter des images sur l'espace. À cette fin, nous avons sélectionné les deux épisodes qui représentent la ville et nous analysons leurs scènes et la narration. Avec cette recherche, nous nous rendons compte que les imaginations géographiques évoqués par ce programme visent explicitement à commercialiser la ville sur le plan touristique et à renforcer Florianópolis en tant qu'île présentant des caractéristiques naturelles exceptionnelles, avec des paysages de films de science-fiction, renforçant la dénomination d'Île de la Magie.

Most-clés: *Imagination géographique. La culture visuelle. Le Brésil vu d'en haut. Florianópolis.*

Considerações iniciais

Segundo o Estudo da Demanda Turística Internacional de 2018 (BRASIL, 2018), realizado pelo Ministério do Turismo, Florianópolis é um dos principais destinos turísti-

cos do Brasil. A cidade constitui-se como segundo destino turístico de lazer mais procurado por estrangeiros no país, estando atrás apenas do Rio de Janeiro. Os dados da pesquisa nos fazem pensar em Florianópolis como um destino já consolidado no cenário nacional, mas não respondem as nossas inquietações: Como se dá esse interesse pela cidade? Quais imagens a mídia, as empresas de turismo e as imobiliárias utilizam para falar de Florianópolis? Há alguma relação dessas imagens com as nossas imagens da cidade? Afinal, somos educados visualmente quando se trata de Florianópolis?

É nesse contexto de inquietações que propomos investigar imagens aéreas de Florianópolis presentes no programa televisivo *Brasil Visto de Cima*, o qual apresenta diversos locais do país a partir do ponto de vista do alto. Esse programa, produzido pelo canal *Mais na Tela*® (anteriormente denominado *Mais Globosat*®) em parceria com *Maria TV*®, parece ser inspirado no programa inglês *O Mundo Visto de Cima*, realizado pela produtora *Skyworks*®, também disponibilizado pelo canal de televisão em questão. Os dois programas têm alcançado considerável sucesso, a julgar pelos mais de 130 episódios que cada um deles possui.

Oliveira Jr. (2011), ao analisar fotografias de diferentes cidades do planeta divulgadas no encarte *Megacidades*, do jornal *O Estado de São Paulo*, evidencia uma certa educação visual promovida na relação entre imagem e pensamento sobre o espaço. Com base nos escritos de Doreen Massey, o autor problematiza a atuação das fotografias na “construção de nossa imaginação – da realidade – do mundo contemporâneo” (OLIVEIRA JR., 2011, p. 245), entendendo essa em estreita relação com a cultura, pois é “construída e ratificada pelos discursos e imagens que circulam por nossa sociedade.” (OLIVEIRA JR., 2011, p. 246).

A partir dessas reflexões, podemos pensar sobre as imagens que têm circulado da referida cidade catarinense. No texto “O circuito das imagens da cidade de Florianópolis: uma etnografia virtual”, Lenzi (2013) analisa as publicidades de empreendimentos imobiliários apontando que o material publicitário de diversos condomínios nos remete a pensar em uma única imagem da cidade, que pode ser descrita nos seguintes termos: um local tranquilo, com belas praias e ecossistemas naturais conservados, aliando a preservação da natureza à qualidade de vida e às comodidades de uma metrópole.

Além desses textos, Michelmann (2015), no trabalho intitulado “Franklin Cascaes, a divulgação turística de Florianópolis e a invenção da ‘Ilha da Magia’”, fornece-nos bases para pensar na apropriação de elementos da cultura florianopolitana no intuito de divulgar a cidade turisticamente. As considerações do autor evidenciam uma apropriação mercadológica de parte da obra de Franklin Cascaes, um artista local, pelos setores de marketing de empresas de turismo.

Assim, no âmbito deste artigo, nossas inquietações assumem um caráter mais específico: há alguma semelhança entre o que é divulgado sobre a cidade e as imagens do programa televisivo *Brasil Visto de Cima*? De que forma este programa nos educa sobre os espaços e as paisagens da cidade de Florianópolis? Portanto, temos o objetivo de analisar como as imagens e a narração do programa *Brasil Visto de Cima* atuam na construção de imaginações geográficas de Florianópolis. Para tal fim, identificamos e selecionamos os episódios que retratam a capital catarinense para compor o arquivo de pesquisa. Na sequência, analisamos as imagens aéreas de Florianópolis, com vistas a compreender de que modo seus enquadramentos visibilizam e invisibilizam certas paisagens da cidade. Analisamos também a narração, tentando compreender como se dá a descrição da cidade, quais expressões e palavras são destacadas e quais imagens são associadas quando ouvimos tais expressões.

Para tanto, o texto está dividido em três partes, em um primeiro momento, o leitor irá se deparar com discussões teóricas sobre as imagens nos estudos geográficos, em particular, a importância de determinadas características das imagens aéreas na construção de imaginações geográficas. Na sequência, discutimos quais imagens têm sido construídas sobre Florianópolis e, por fim, desenvolvemos as análises acerca das imaginações geográficas decorrentes das filmagens do *Brasil Visto de Cima*.

A construção de imaginações geográficas

Verónica Hollman (2007-2008) afirma que precisamos levar em consideração o caráter complexo e duplo do significado do vocábulo visão. Com base nos estudos de Denis Cosgrove, a autora nos fala que a visão é tanto um ato físico como uma construção, pois evidencia o ato físico “de registrar, de ver, de capturar através dos sentidos”¹ (HOLLMAN, 2007-2008, p. 125), e também a ação criativa que está implicada na faculdade de imaginar e projetar imagens sobre algo.

No livro *Photography and Flight*, Denis Cosgrove e William Fox (2010) mostram-nos evidências de como povos do Neolítico foram capazes de imaginar a vila em que viviam a partir de um ponto de vista situado a pelo menos dezenas de metros de altura. Essa evidência diz respeito a um “fragmento de mural de quinze pés de comprimento [pouco mais de 4 metros] escavado em Çatalhöyük”² (COSGROVE; FOX, 2010, p. 14), na Turquia. Há alguns milênios, no entanto, o ser humano ainda não havia desenvolvido condições para alçar voo. Além disso, sequer haviam colinas no entorno daquele local para lhes favorecer um ponto de vista do alto.

Esse fato intrigante mostra que a capacidade de projetar uma imagem a partir de um ponto de vista do alto não é estritamente relacionada com a capacidade de voar. Isso também exemplifica o sentido de construção/criação do vocábulo visão, já que foi a partir da imaginação que construíram o mural, sendo considerado por muitos como mapa ou pintura de uma paisagem.

Segundo Cosgrove e Fox (2010), há um certo fascínio do ser humano para com o voo e para com a observação de imagens aéreas. Apesar de serem situações comuns no mundo contemporâneo, nosso encanto por ambos não diminuiu. A atração pelas imagens aéreas “e sua aparente naturalidade pode ter menos a ver com estética e mais com neurofisiologia”³ (COSGROVE; FOX, 2010, p. 10).

Para os autores, quando uma criança pega em suas mãos um objeto qualquer e tenta girá-lo, sentindo-o e observando-o a partir de uma certa distância, ela começa a “desenvolver habilidades para, primeiramente, girar o micro ambiente – coisas que são menores que o corpo – e, com o tempo, o macro ambiente.”⁴ (COSGROVE; FOX, 2010, p. 10). Isso significa que, uma vez que a criança aprende a identificar um objeto, tal como um bloco de madeira, de tamanho menor que seu próprio corpo, ela passa a fazer o mesmo com objetos maiores. Com essa habilidade, ela consegue identificar, a partir de outros ângulos e distâncias, outro pedaço de madeira de tamanho maior sem, por isso, ter que tocá-lo.

Ainda de acordo com os autores,

Nós transferimos aquela habilidade inicial de sentir um objeto em nossas mãos para ver a partir de diferentes ângulos o quarto no qual estamos, a casa em que vivemos, nosso bairro e eventualmente qualquer lugar que vamos e mesmo lugares que simplesmente vislumbramos em uma imagem ou evocamos a partir da escuta, da leitura ou imaginação. Esta capacidade de visualizar lugares pode ser chamada de ‘imaginação geográfica’, e encontra sua expressão gráfica mais imediata em mapas, planos e desenhos arquitetônicos.⁵ (COSGROVE; FOX, 2010, p. 10).

Visualizar determinadas porções do espaço, sem que por isso tenhamos que estar lá, presencialmente, é uma capacidade favorecida pela grande difusão de imagens no mundo contemporâneo. Além disso, é importante destacar algumas características que favorecem essa capacidade de imaginar o espaço, pois uma das virtudes

da fotografia aérea, assim como do mapa, é “estabelecer um contexto para as características individuais no terreno, colocá-las em relação umas às outras e à uma topografia mais ampla, revelando padrões aos olhos, ou, podemos dizer, criar geografias.”⁶ (COSGROVE; FOX, 2010, p. 9).

Para além das discussões sobre as características das imagens aéreas, levamos em consideração outros aspectos quando pensamos na relação entre imagem e imaginação geográfica. Ao analisar fotografias presentes no encarte *Megacidades* do jornal *O Estado de São Paulo*, Oliveira Jr. (2011) nos mostra que as diferenças de ângulo, enquadramento e iluminação nas fotografias que apresentam as cidades são elementos poderosos na escolha do que se quer mostrar sobre determinado local. A partir da comparação das imagens de Londres, na Inglaterra, e de Lagos, na Nigéria, o autor indica que Londres é apresentada por uma fotografia que foi feita em um ângulo baixo, a qual parece desejar “que nosso olhar faça um movimento ascendente pela imagem, do rio ao topo do novíssimo edifício de formas vítreas e arredondadas.” (OLIVEIRA JR., 2011, p. 246). Além disso, a imagem é acompanhada pelo título “Londres: só para os muito ricos” (ESTADO DE SÃO PAULO, 2008, p. 24 apud OLIVEIRA JR., 2011, p. 250). Outra característica dessa imagem é a presença das cores azul e branco nas partes superior e inferior, além da luminosidade que remete ao nascer ou ao pôr-do-sol, incidindo sobre todos os edifícios.

Por sua vez, a fotografia de Lagos apresenta a cidade como um local onde “milhões vivem no pântano.” (ESTADO DE SÃO PAULO, 2008, p. 44 apud OLIVEIRA JR., 2011, p. 252). A imagem de Lagos, com predominância de cores opacas, não nos permite avistar o horizonte. Segundo o autor, enquanto Londres nos é apresentada como uma cidade sem poluição e só para os muito ricos, Lagos nos mostraria o oposto: miséria, poluição e um estilo de vida não urbano. O autor ainda nos instiga a pensar em outras possibilidades de fotografar a cidade de Londres, por exemplo, utilizando-se de ângulos de captura elevados (um ponto de vista do alto), ou ainda, ao “mirar mais de perto – locar a fotografia – os bairros periféricos dessas cidades, tal como fizeram, mais uma vez, somente com Lagos e Mumbai.” (OLIVEIRA JR., 2011, p. 256).

O ângulo de captura da imagem fotográfica pode facilitar o direcionamento do olhar para o alto, para o horizonte, ou mesmo limitá-lo. A iluminação também nos auxilia a ver, pois, conforme Oliveira Jr. (2011), no encarte *Megacidades* fica nítida uma oposição entre as imagens escolhidas para apresentar as cidades do mundo rico e para

as cidades das regiões em crescimento rápido: enquanto aquelas primeiras nos remetem à ideia de limpeza (ausência de poluição) e são mais iluminadas, as fotografias de cidades de outras regiões mais pobres do globo nos mostram suas paisagens envoltas pela poeira e a opacidade. Consideramos que tais imagens evocam imaginações geográficas completamente distintas para cada uma das cidades apresentadas pelo autor.

Quando consideramos as representações imagéticas de Florianópolis, destacamos a pesquisa de mestrado intitulada “O circuito das imagens da cidade de Florianópolis: uma etnografia virtual”, de Lenzi (2013). A autora realiza uma análise de material publicitário disponível em sites de empreendimentos imobiliários na cidade, destinados às classes média alta e alta, e afirma que há uma certa repetição de imagens da cidade, não somente fotografias e vídeos, mas também imagens entendidas em sentido mais amplo, imagens pensadas como “representações das coisas e não as coisas em si.” (LENZI, 2013, p. 38).

Segundo a autora, essa repetição auxilia a construção de uma única imagem que se associa à cidade de Florianópolis. Além de empreendimentos imobiliários, agentes de turismo, políticos locais e jornalistas também têm auxiliado na difusão de uma imagem da cidade catarinense descrita nos seguintes termos: “tranquila, que une preservação ambiental, segurança, infraestrutura e exclusividade para se viver, e contato com o mar e a natureza.” (LENZI, 2013, p. 50).

Analisando mais a fundo o material publicitário nos sites desses empreendimentos, a autora afirma que as imagens ali presentes “fazem parte de um estereótipo do que se conhece e se divulga sobre Florianópolis, oferecendo não somente terrenos/casas/*lofts*, mas também equipamentos urbanos e natureza em comum.” (LENZI, 2013, p. 41). Em uma destas publicidades de condomínios fechados, evidencia-se a ideia de viver em proximidade com a natureza e de não abrir mão das comodidades de uma grande cidade.

Natureza maravilhosa, povo bonito e dias inesquecíveis. Florianópolis é, literalmente, uma ilha de segurança, diversão e bem-estar. Considerada uma das melhores cidades brasileiras para se viver, tem 56% do seu território preservado, é banhada pelo Atlântico e tem 100 praias belíssimas. Na Cachoeira do Bom Jesus você tem muito mais do que uma natureza deslumbrante e uma praia maravilhosa. São lojas, academias, bares, restaurantes e toda a infraestrutura de Jurerê Internacional, que fica muito próxima. (LENZI, 2013, p. 43-44).

Em suas análises, Lenzi (2013, p. 44) afirma que o condomínio em questão na Cachoeira do Bom Jesus, o condomínio *Marine*, é divulgado como sendo “um refúgio, ou seja, um território próprio de ficção, no qual ‘a vida foi feita para você viver.’” Além disso, várias fotos do empreendimento destacam a relação dos moradores com o mar, fazendo com que se pense na “ficção de uma ilha de veraneio, de contato constante com o mar.” (LENZI, 2013, p. 44).

Já no Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Franklin Cascaes, a divulgação turística de Florianópolis e a invenção da ‘Ilha da Magia’”, Michelmann (2015) analisa como os trabalhos do professor e artista florianopolitano Franklin Cascaes serviram de base para a divulgação de um determinado caráter turístico da cidade. Esse artista autodidata, que hoje é amplamente reconhecido em âmbito regional, foi responsável por preservar a memória dos costumes e tradições populares dos moradores de Florianópolis. Dentre a sua vasta obra, composta por centenas de desenhos, cadernos de campo, anotações e também estátuas, podemos citar o livro *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* (CASCAES, 2015).

Segundo Michelmann (2015, p. 18), por décadas, Franklin Cascaes desenvolveu um intenso trabalho de registro dos “hábitos e práticas da cultura popular dos habitantes da Ilha de Santa Catarina, cultura essa, que, de acordo com Cascaes, estava desaparecendo”. Por meio de visitas às comunidades do interior de Florianópolis, Franklin Cascaes ouvia e registrava em seus cadernos histórias “contadas por pescadores, rendeiras, benzedeadas e pessoas idosas.” (MICHELMANN, 2015, p. 26). Seu trabalho já havia iniciado nos anos 1940 – muitas vezes apenas com recursos próprios – mas, somente a partir da década de 1970 é que começa a obter certo reconhecimento por parte de intelectuais, artistas e políticos locais. Apesar de Michelmann (2015, p. 46) afirmar que “não houve especificamente uma estratégia em ter uma política oficial de usar a obra de Franklin Cascaes para divulgar Florianópolis”, ele nos mostra que “a cultura abordada por Cascaes e as estratégias de promoção turística no estado [...] se encontraram em alguns momentos no processo.” (MICHELMANN, 2015, p. 46).

Nos anos 1980, com o intuito de incrementar a política de turismo para Santa Catarina, autoridades locais utilizaram-se de elementos culturais da cidade, tal como parte da obra de Cascaes, para identificar Florianópolis. Em 1987, a criação da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes é um exemplo dessa convergência de interesses. É nesta época, também, que ocorre a criação do termo Ilha da Magia, hoje recorrentemente utilizado para dizer da cidade. Segundo o artista Gelci José Coelho, mais conhecido como Peninha, em relato concedido a Michelmann (2015),

a alcunha ‘Ilha da Magia’ foi criação, em meados da década de 1980, da empresa de publicidade [...], sediada em Florianópolis, com vistas a tornar a capital catarinense um ‘produto atrativo’. Que aguçasse a curiosidade dos prováveis visitantes do estado de Santa Catarina. (MICHELMANN, 2015, p. 31).

Desde a morte de Franklin Cascaes (em 1983) até os dias de hoje, a apropriação mais utilizada de sua obra refere-se “aos aspectos envolvendo o fantástico – as bruxas, os boitatás, etc. – como peças teatrais, exposições, propagandas turísticas e [...] pela televisão.” (MICHELMANN, 2015, p. 49). E, nesse sentido, vale ressaltar a elaboração e exibição de uma minissérie que teve como pano de fundo principal a cidade de Florianópolis, mais especificamente a localidade de Ratonés, a qual apresenta fortes traços de uma paisagem rural e pitoresca. Em 1991, a Rede Manchete de Televisão exibiu a minissérie *Ilha das Bruxas*, com inspiração na “cultura popular local registrada por Franklin Cascaes ao longo de sua vida.” (MICHELMANN, 2015, p. 49). A minissérie explorou paisagens da Ilha, seja com cenas de faixas litorâneas ou com a localidade de Ratonés, além, é claro, de utilizar-se de elementos do imaginário popular local: as bruxas e as curas espirituais por benzedeiros(as) são dois exemplos importantes desse interesse de promover a cidade como Ilha da Magia.

Florianópolis e a ficção da Ilha da Magia no *Brasil Visto de Cima*

O *Brasil Visto de Cima* é uma produção audiovisual que apresenta uma sequência de imagens aéreas, feitas por helicópteros e drones, de locais selecionados para apresentação no episódio. Acompanha, também, as inserções cartográficas de localização, as legendas que contêm as toponímias ou breves apontamentos e, sobretudo, a narração que traz informações acerca de aspectos geográficos, históricos e culturais dos espaços e paisagens em evidência. O programa conta com 135 episódios, divididos em cinco temporadas, com uma duração entre 19 a 28 minutos cada um. Apesar de serem recorrentemente exibidos pelo canal *Mais na Tela*®, também os encontramos na plataforma *NOW*® e na plataforma *Canais Globo*®.

Do número total de episódios, dois retratam Florianópolis: o episódio 09, intitulado *Curitiba e Florianópolis* e o 10, com o título de *Litoral SC e Itaimbezinho*, ambos da primeira temporada, exibida pela primeira vez em 2014 no referido canal de televisão.

Acerca dos episódios 09 e 10 da primeira temporada, objetos de nossa análise, destacamos algumas características: nestes dois episódios a capital catarinense não recebe foco exclusivo, pois em um deles, *Curitiba e Florianópolis*, a cidade é exibida a partir da metade do programa, e no outro, *Litoral SC e Itaimbezinho*, ela é exibida logo no início, nos primeiros três minutos. No total, Florianópolis recebe destaque exclusivo, nos dois episódios, por quase quinze minutos.

Para analisar a representação de Florianópolis em suas imagens e na narração que as acompanha, iniciamos com a transcrição da narração dos episódios selecionados. Na sequência, descrevemos as cenas que falam especificamente de Florianópolis e selecionamos quatro imagens (*frames*) do programa por meio da ferramenta de captura de tela. É preciso dizer ao leitor da particularidade de falar sobre as imagens do programa no âmbito deste texto, tendo em vista que são filmagens. Por isso, lançamos mão de três critérios para selecionar as imagens que compõem este texto. O primeiro critério de seleção das imagens privilegiou as cenas que mostram paisagens naturais de Florianópolis, todas presentes no episódio 09, ou seja, naquele que dedica mais tempo à cidade. O segundo critério destacou: a) o local exibido logo na primeira cena do episódio; b) o local exibido na primeira cena da seção específica sobre Florianópolis e c) a última imagem exibida na seção sobre a cidade. Por fim, o terceiro critério foi responsável por selecionar uma imagem com efeito estético semelhante a outra já escolhida anteriormente, embora trate-se de locais distintos.

Para analisar este conjunto de texto e paisagens, com vistas a compreender que forma eles auxiliam na construção de imaginações geográficas de Florianópolis, seguimos as pistas deixadas por Oliveira Jr. (2011) no que concerne aos enquadramentos das imagens. Nossa hipótese é que os enquadramentos selecionam partes da cidade que são consideradas desejáveis de se mostrar. Para compreendermos as imaginações geográficas de Florianópolis que são construídas com essas imagens, conforme a noção desenvolvida por Cosgrove e Fox (2010), atentamos também para o papel da narração. Quais expressões, termos e palavras se repetem e refletem a cidade ao longo do episódio? Quais imagens estão associadas a essas expressões?

A primeira imagem que vemos nos primeiros segundos do episódio 09 – *Curitiba e Florianópolis*, é de uma praia em Florianópolis, especificamente, a Praia da Lagoinha do Leste. Segundo o narrador, enquanto Curitiba é um “modelo de organização e urbanismo”, Florianópolis é um local exuberante, edificado “entre tantas belezas naturais.” (CURITIBA..., 2014, 1 min). Após pouco mais de dez minutos de exibição do programa, quando o foco deixa de ser Curitiba e passa a ser a capital catarinense,

a primeira menção a Florianópolis ocorre enquanto o helicóptero sobrevoa a Praia da Joaquina. Na medida em que as imagens são exibidas (Figura 1), temos a seguinte narração que as acompanha:

O vento é forte e dificulta a viagem, mas quase uma hora depois já estamos diante dessa visão digna de ficção científica. Parece outro planeta, um lugar meio mágico. Logo, o resto da paisagem revela que estamos sobre a Praia de Joaquina [sic], uma das mais lindas de Florianópolis. (CURITIBA..., 2014, 13 min).

Figura 1 – Imagem das dunas da Praia da Joaquina



Fonte: *Frame* elaborado pelos autores por meio da ferramenta de captura de tela (CURITIBA..., 2014, 13 min)

A Figura 1 mostra a captura de tela realizada enquanto o narrador dizia, especificamente, que essa paisagem se assemelhava a outro planeta, a “um lugar meio mágico.” (CURITIBA..., 2014, 13 min). Durante esse momento, percebemos que a câmera enquadrava somente essa parte das dunas. A cena praticamente nos joga em meio à areia, e a palavra mágico, talvez em associação à expressão Ilha da Magia, relaciona o caráter de excepcionalidade da paisagem aos aspectos naturais do local.

Na sequência, o narrador afirma que, após “quilômetros de dunas e natureza virgem” (CURITIBA..., 2014, 13 min) há um “pequeno povoado” (CURITIBA..., 2014, 14 min) próximo ao costão rochoso, ainda na Praia da Joaquina. Isso nos remete a imaginar o caráter autóctone deste ambiente. Após a Praia da Joaquina, a narração do audiovisual nos apresenta a Lagoa da Conceição e seus aspectos históricos. E, antes do intervalo do programa, ouvimos que a Ilha da Magia “ainda tem muito mais para nos encantar.” (CURITIBA..., 2014, 15 min).

Segundo a narração, apesar de Florianópolis ser conhecida como Ilha da Magia, repetindo mais uma vez este termo, “a capital de Santa Catarina também está no continente, mas os pontos mais exuberantes e famosos, ficam na Ilha.” (CURITIBA..., 2014, 15 min). Essa é a única menção à parte continental do município que temos nos dois episódios. As únicas imagens que mostram o continente são aquelas filmadas juntamente com a ponte Hercílio Luz e com parte da região central da Ilha. O continente não foi sujeito a enquadramentos como o da Figura 1, em que vemos uma paisagem sem horizonte e a partir de uma escala aproximada.

No início da seção intitulada *Centro da cidade*, o programa mostra os entornos da Avenida Beira-Mar Norte, destacando-a como um dos locais mais valorizados da cidade. Também nos mostra o Morro da Cruz, localizado nas proximidades dessa área, e a narração nos lembra que ele abriga antenas de televisão e rádio, ocultando as comunidades de baixa renda que ali vivem. Além da narração, a distância da mirada e a presença de um emaranhado de edifícios contribuem para o ofuscamento da presença desse grupo de pessoas na paisagem valorizada da avenida. Contudo, precisamos dizer que essas comunidades somam 16 núcleos e abrigam cerca de 22 mil pessoas (FLORIANÓPOLIS, n. d.).

Em seguida, as imagens nos mostram as três pontes que dão acesso à Ilha. A mais antiga de todas, a ponte pênsil Hercílio Luz, foi inaugurada em 1926 (e não em 1922, como afirma o narrador). As duas outras pontes, Ivo Campos e Colombo Salles, são descritas como sendo uma única ponte. Além disso, não se comenta que a Hercílio Luz, à época da gravação do episódio, estava fechada há mais de duas décadas.

No final desta cena, ocorre uma rápida menção, única durante todo o programa, a um dos problemas mais presentes em Florianópolis: a mobilidade urbana. A narração nos diz que:

Cidades divididas por pontes sempre tem mobilidade mais complicada, mas Florianópolis trabalha com transporte público e novas avenidas para melhorar o trânsito. É o caso desse grande terminal que une o centro histórico, neste trecho do Largo da Alfândega, do Mercado Público e da Catedral Metropolitana, ao resto da cidade. (CURITIBA..., 2014, 18 min).

Dito nesses termos, a questão da mobilidade urbana parece algo não tão grave e que as políticas públicas adotadas pelo município, em termos de infraestrutura

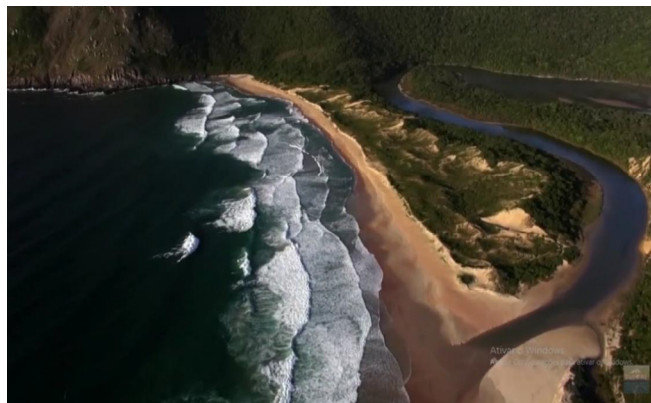
e transporte, têm contribuído para melhorá-la. Após a cena em que vemos as três pontes, a filmagem nos aproxima do terreno e mostra-nos o Terminal de Integração do Centro e o Mercado Público. Ouvimos que se deslocar em Florianópolis tem suas dificuldades, mas o narrador as associa a causas de ordem natural quando afirma que “cidades divididas por pontes sempre tem mobilidade mais complicada.” (CURITIBA..., 2014, 18 min).

No início da última seção do episódio, denominada *Praia para todos os gostos*, a narração diz o seguinte:

São quadros vivos, paisagens quase perfeitas. Este é um lugar em que praticamente tudo o que vemos consegue deter o nosso olhar. No total, são mais de 40 praias, opções para todos os gostos, para muitos dias, muitos meses, quem sabe, muitos anos de prazeres e descobertas. (CURITIBA..., 2014, 18-19 min).

Enquanto ouvimos que as paisagens de Florianópolis são quadros vivos e quase perfeitas, assistimos uma filmagem sobre a Praia da Lagoinha do Leste (Figura 2). A câmera se aproxima lentamente da praia, mas sem nos mostrar os morros circundantes e nem o horizonte. O encontro do branco das ondas com a faixa de areia e, desta, para com as dunas encobertas de restinga, cria uma leve curva no centro da imagem. Essa forma, que respeita a curvatura do arco de praia, encontra-se também com a forma meândrica do canal lagunar. Esse encontro de duas formas cria um efeito, no mínimo, interessante.

Figura 2 – Imagem da Praia da Lagoinha do Leste



Fonte: *Frame* elaborado pelos autores a partir da ferramenta de captura de tela (CURITIBA..., 2014, 19 min).

Na sequência, enquanto ouvimos que “este é um lugar em que praticamente tudo o que vemos consegue deter o nosso olhar” (CURITIBA..., 2014, 19 min), avistamos a Praia de Naufragados (Figura 3). Coincidentemente ou não, o efeito estético aqui é semelhante ao descrito anteriormente na Figura 2: o encontro da forma meândrica das águas na parte inferior da imagem com a leve curvatura do arco de praia. Novamente, o deslocamento da câmera não permite grandes mudanças de enquadramento e não vemos o horizonte.

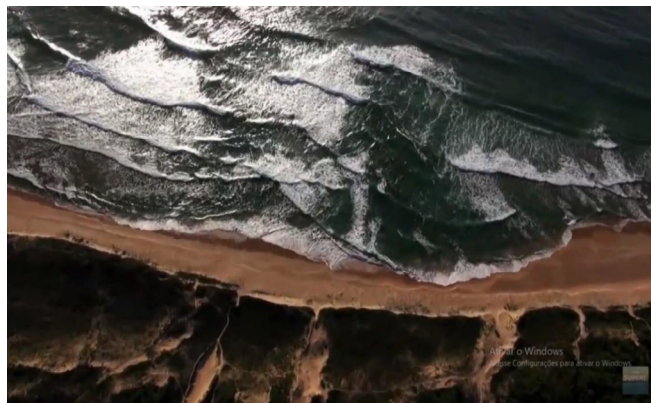
Figura 3 – Imagem da Praia de Naufragados



Fonte: *Frame* elaborado pelos autores a partir da ferramenta de captura de tela (CURITIBA..., 2014, 19 min).

Nos últimos minutos do episódio, vemos brevemente paisagens de algumas praias da Ilha, tais como Praia Brava, Jurerê e Pontal da Daniela. Enquanto isso, ouvimos, mais uma vez, a expressão Ilha da Magia, estando acompanhada de outras adjetivações: “Puro encanto. Pura magia. Ilha da Magia.” (CURITIBA..., 2014, 22 min). Na sequência e, para finalizar o programa, temos a última cena com imagens de Florianópolis (Figura 4). Desta vez, temos uma imagem com ângulo aproximado de 90 graus e que destaca formas observadas durante a arrebentação das ondas.

Figura 4 – Imagem da última cena de Florianópolis



Fonte: *Frame* elaborado pelos autores a partir da ferramenta de captura de tela (CURITIBA..., 2014, 22 min).

Já no episódio 10, denominado *Litoral SC e Itaimbezinho*, a participação de Florianópolis resume-se aos primeiros três minutos. Temos diversas imagens de praias de Florianópolis durante a seção introdutória do programa, assim como de demais locais do litoral sul do estado e do Cânion Itaimbezinho. Não há nenhuma imagem que destaque grandes áreas urbanizadas de Florianópolis.

Durante a seção intitulada *Litoral Catarinense*, momento em que se fala de Florianópolis, o narrador destaca, primeiramente, a Ilha de Anhatomirim. Descreve alguns aspectos históricos da fortaleza portuguesa edificada nesta pequena ilha no século XVIII, localizada nas proximidades de Florianópolis. Na sequência, menciona a Lagoinha do Leste e o farol da Praia de Naufragados. Neste momento, notamos que uma cena sobre a Praia da Lagoinha do Leste parece ser a repetição de uma filmagem presente no episódio 09, já que o ângulo e enquadramento da filmagem são praticamente os mesmos. Referimo-nos especificamente à Figura 2.

Ainda acerca da Praia da Lagoinha do Leste, trazemos à tona um trecho da narração, já que esse local nos é apresentado como um paraíso onde ocorre um fenômeno particular:

Na Ilha de Santa Catarina, mas bem distante das mais famosas praias de Florianópolis, descobrimos paraísos intocados, como a Lagoinha do Leste, onde os manguezais encontram a espuma das ondas e a areia clara se mistura com o verde da mata. (LITORAL SC..., 2014, 2 min).

A descrição deste inesperado encontro entre manguezal e a espuma das ondas corrobora com o caráter excepcional da Ilha. Entretanto, conforme constatamos em bibliografia na área da geografia, não ocorre manguezal na Lagoinha do Leste. De acordo com Santos (2016), temos a presença de uma laguna em formato meândrico (em curvas) com vegetação adaptada ao alagamento periódico, localizando-se nas adjacências deste corpo d'água. São formações vegetais denominadas comunidades aluviais (de inundação), com espécies distintas daquelas encontradas em um manguezal. Nas proximidades da praia também temos a restinga, uma formação vegetal adaptada ao solo arenoso (dunas), à falta de nutrientes e ao sal.

Talvez essa imagem possa nos lembrar um manguezal, tendo em vista que ocorre em outros locais da Ilha e que o corpo d'água meândrico se assemelhe a desembocadura de um rio. Além do efeito estético criado com essa imagem, uma

informação incorreta foi utilizada para reforçar a ideia de um local paradisíaco, dotado de singularidades.

Nesse sentido, a exaustiva utilização de adjetivos ao se referir a Florianópolis ficou evidente logo na primeira vez que assistimos aos episódios. O termo Ilha da Magia é mencionado diversas vezes, além de expressões que remetem a este termo, tais como “um lugar meio mágico” e “pura magia”. Sem contar com as expressões “visão digna de ficção científica”, “parece outro planeta”, “paisagens quase perfeitas” e “paraísos intocados”, reforçando a ideia de que Florianópolis não é um lugar qualquer.

O enquadramento e o ângulo de filmagem utilizados em algumas cenas fazem com que não avistemos o horizonte, atuando com o propósito de criar efeitos estéticos nas imagens. Podemos citar o arco de praia com meandros de corpos d’água, a presença quase exclusiva de dunas em um enquadramento e, também, o encontro da arrebentação das ondas com o arco de praia, capturado em um ângulo de 90 graus. Segundo Cosgrove e Fox (2010), uma das virtudes de uma imagem aérea é justamente criar um contexto para características individuais no terreno, gerando formas e padrões distinguíveis aos olhos.

Os enquadramentos também ofuscam determinadas partes da cidade, como no caso da porção continental de Florianópolis. Também atuam para invisibilizar as mazelas da cidade, como a desigualdade social, quando a filmagem do Morro da Cruz ofusca a presença das comunidades de baixa renda. Minimiza-se o problema da mobilidade urbana ao atribuí-la a causas de ordem natural, utilizando-se de cenas que nos mostram as pontes e, sobretudo, quando o enquadramento da filmagem nos permite ver de perto o grande terminal, nas palavras do narrador, por meio do qual partem os ônibus que conectam o centro às demais partes da cidade.

As imagens de Florianópolis no *Brasil Visto de Cima*, bem como sua narração, agem em conjunto na criação de uma imaginação sobre a cidade. Como nos lembra Hollman (2007-2008), o verbo ver não diz respeito somente a uma captura do visível por meio dos sentidos, ele também implica em imaginação. A imaginação geográfica, por sua vez, é um conceito que tem a ver com a capacidade de visualizarmos locais em que já estivemos, ou que somente ouvimos falar e vimos em imagens (COSGROVE; FOX, 2010). Nesse sentido, a imaginação geográfica de Florianópolis que evocamos, ao assistir ao programa, encontra respaldo em uma representação que já se divulga sobre a cidade. De acordo com Lenzi (2013), a representação divulgada nos diz que a cidade é um local em que a natureza é preservada e que seus

moradores estão em “contato constante com o mar.” (LENZI, 2013, p. 44). Além disso, a cidade possuiria a infraestrutura e as comodidades que uma grande metrópole tem. Apesar do programa não dar enfoque aos aspectos especificamente urbanos, ele explora as características naturais de Florianópolis, algo que os empreendimentos imobiliários já oferecem como atrativos da cidade e, inclusive, dos próprios condomínios. Nota-se o destaque dado às praias e paisagens naturais da Ilha, em contraposição ao menor tempo dedicado às áreas urbanas da cidade.

Podemos dizer que a expressão Ilha da Magia tem se tornado um clichê na divulgação de Florianópolis, sobretudo pela publicidade. Michelmann (2015) nos mostra que esse termo, criado por uma empresa de publicidade, é uma apropriação mercadológica dos aspectos fantásticos (como as bruxas e os boitatás) presentes em parte da obra de Franklin Cascaes. A recorrente utilização dessa expressão no *Brasil Visto de Cima* reforça o argumento de que essa e outras expressões, tais como “pura magia” e “lugar meio mágico” são utilizadas para conferir um ar de excepcionalidade, exuberância e singularidade ao cenário natural de Florianópolis.

Considerações finais

Os registros visuais em circulação despertam imaginações geográficas e nos educam sobre um determinado local, sem mesmo termos estado lá, ou ainda sem ter visto imagens deste local. Os fragmentos do mural construído por povos do Neolítico, encontrados em escavações realizadas na Turquia, exemplificam esse fato curioso. Sem poder voar, e sem ter alguma colina no entorno de sua vila, eles puderam imaginá-la a partir de um ponto de vista aéreo, localizado no alto. Isso também nos mostra que o ato de ver também requer imaginação e a projeção de imagens sobre algo.

Contudo, uma imagem aérea nos facilita essa capacidade imaginativa, pois mostra-nos padrões e formas distinguíveis a partir do alto, criando contextos para os objetos singulares localizados no terreno. Além disso, outras características influenciam nesse processo, como os ângulos de captura das imagens e o que se decide enquadrar, dando maior ou menor destaque aos entornos do local.

No programa *Brasil Visto de Cima*, percebemos uma cultura visual expressa nos enquadramentos realizados de uma forma peculiar. Em alguns momentos não nos mostram os entornos, já que a distância da mirada é suficientemente pequena. Isso ocorre, sobretudo, quando a paisagem enquadrada realça um efeito estético,

uma forma distinguível aos olhos, como em imagens da Praia da Joaquina, da Lagoinha do Leste e da Praia de Naufragados. Já em outros momentos, a distância da mirada é suficiente para ofuscar a existência de um abismo social entre os moradores da Avenida Beira-Mar Norte e aqueles das comunidades de baixa renda localizados no Morro da Cruz.

Nossa intenção não foi problematizar a estética dessas imagens, a beleza da paisagem natural de Florianópolis e a existência de problemas sociais e urbanos. Nosso intuito foi explicitar como imagens em circulação demonstram determinados locais, como essa escolha é auxiliada pelas potencialidades técnicas de uma câmera utilizando-se de *zoom* e, também, pela narração, ao pronunciar e repetir frases que criam e sedimentam determinada representação das paisagens. Ações essas colaboram em nossa construção imagética dos lugares, potencialmente, nos educando acerca destes.

Há uma correspondência entre o que se divulga sobre Florianópolis e a imaginação geográfica que evocamos ao assistir ao *Brasil Visto de Cima*. Isso se dá, sobretudo, quando imobiliárias, empresas de turismo e a mídia falam que esta é a capital com a natureza preservada, de contato permanente com o mar, da sensação de férias durante todo o ano que a Ilha proporcionaria. Essa correspondência também ocorre quando se intitula Florianópolis como a Ilha da Magia, evidenciando o propósito de comercializar a cidade aos turistas e aos novos moradores.

Esse intuito de comercializá-la fica evidente a partir de uma série de fatores, tais como: uma repetição de imagens aéreas cujos destaques são paisagens naturais da Ilha; o maior tempo dedicado a essas paisagens nos dois episódios; a quantidade de adjetivos utilizada ao se referir a Florianópolis; e, por fim, um descuido ao mencionar fenômenos geográficos que ocorrem na Ilha. Além disso, causa surpresa ouvir que há, na Praia da Joaquina, um pequeno povoado, quando na realidade o que encontramos nesse local são alguns hotéis, bares e restaurantes.

Assim, os episódios do programa televisivo *Brasil visto de cima* criam uma determinada imaginação geográfica de Florianópolis que a associa a características exclusivas e exóticas, que se distanciam do âmbito do comum e da realidade vivida cotidianamente. Remetem-nos a pensar as paisagens naturais da Ilha como paisagens de outros planetas, tais como em filmes de ficção científica. Aliás, onde mais poderia haver uma Ilha com paisagens quase perfeitas? Onde mais poderíamos descobrir um paraíso intocado, em que as curvas sinuosas de uma laguna encontram a leve curva-

tura da praia, formando um quadro vivo com o contraste entre o azul das águas, o branco das ondas e o verde da mata?

Notas

1 Tradução livre de: “de registrar, de ver, de capturar a través de los sentidos” (HOLLMAN, 2007-2008, p. 125).

2 Tradução livre de: “fifteen-foot-long wall mural fragment excavated at Çatalhöyük]” (COSGROVE; FOX, 2010, p. 14).

3 Tradução livre de: “and its apparent naturalness may have less to do with aesthetics and more to do with neurophysiology” (COSGROVE; FOX, 2010, p. 10).

4 Tradução livre de: “to develop the skills to rotate first the micro-environment – things that are smaller than the body – and, with time, the macro-environment.” (COSGROVE; FOX, 2010, p. 10).

5 Tradução livre de: “We transfer that early ability to feel an object in our hands to seeing from different angles the room in which we sit, the house in which we live, our neighbourhood and eventually anywhere we go and even places we merely glimpse in a picture or conjure out of listening, reading or imagining. This capacity to picture places might be called the ‘geographical imagination’, and it finds its most immediate graphic expression in maps, plans and architectural drawings.” (COSGROVE; FOX, 2010, p. 10).

6 Tradução livre de: “to establish a context for individual features on the ground, to place them in relationship to one another and to a broader topography, revealing patterns to the eye, or, we might say, to create geographies.” (COSGROVE; FOX, 2010, p. 9).

Referências

BRASIL. Ministério do Turismo. *Estudo da Demanda Turística Internacional 2018*. Brasília, DF: editor?, 2018. Disponível em: http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda-tur%C3%ADstica-internacional/item/download/964_616boe66c036db76857f828354967e04.html. Acesso em: 14 jul. 2020

CASCAES, F. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. 1ª ed. Florianópolis: Edufsc, 2015.

COSGROVE, D.; FOX, W. L. *Photography and Flight*. 1ª ed. Londres: Reaktion Books, 2010.

CURITIBA e Florianópolis. *Brasil Visto de Cima*. Direção e Roteiro de Décio Lopes. Narrador: Felipe Camargo. Rio de Janeiro: Mais Globosat e Maria Tv, 2014. (23 min.), son., color. Temporada 1, episódio 09.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Infraestrutura. *Projeto Maciço do Morro da Cruz*. Florianópolis, n. d. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/>

entidades/infraestrutura/index.php?cms=projeto+macico+do+morro+da+cruz&menu=7&submenuid=303. Acesso em: 14 jul. 2020.

HOLLMAN, V. Geografía y cultura visual: apuntes para la discusión de una agenda de indagación. *Estudios Socioterritoriales: Revista de geografía*, Buenos Aires, n. 7, [s. v.], p. 120-135, 2007-2008. Disponível em: https://130boeef-9694-3486-63b-9-69a0c1f6e559.filesusr.com/ugd/59a6db_ob38ddc5a4ac4d2ea97e582d22be6640.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.

LENZI, M. H. O circuito das imagens da cidade de Florianópolis: uma etnografia virtual. *Cadernos NAUI*, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 34-53, jul./dez., 2013.

LITORAL SC e Itaimbezinho. *Brasil Visto de Cima*. Direção e Roteiro de Décio Lopes. Narrador: Felipe Camargo. Rio de Janeiro: Mais Globosat e Maria Tv, 2014. (19 min.), son., color. Temporada 1, episódio 10.

MICHELMANN, A. C. *Franklin Cascaes, a divulgação turística de Florianópolis e a invenção da “Ilha da Magia”*. 2015. 77f. TCC (Graduação em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA JR., W. M. Fotografias dizem do (nosso) mundo: educação visual no encarte “Megacidades”, do jornal *O Estado de S. Paulo*. In: TONINI, I. M. et al. (orgs.). *O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares*. 1ª edição. Porto Alegre: Ufrgs, 2011. p. 245-257.

SANTOS, Y. R. F. *GEOMORFOSSÍTIOS: valorização da geodiversidade da Lagoinha do Leste*, Florianópolis - SC. 2016. 86 f. TCC (Graduação em Geografia) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

